

PRÁTICA DE LEITURA DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO MIDIÁTICO POLÊMICO

SONIA RENATA RODRIGUES (UFMT).

Resumo

Procuro demonstrar – sob a perspectiva teórico–metodológica da Análise do Discurso francesa (AD) – que os sentidos não são funções imanentes de palavras e/ou expressões, mas são efeitos de sentidos produzidos e delimitados por aquilo que pode e deve ser dito no interior de uma formação discursiva (FD). Nesta perspectiva, uma seqüência lingüística pode assumir vários “sentidos”: positivos, negativos, polêmicos, ambíguos, dependendo das relações interdiscursivas que a atravessam. No caso da polêmica, essa alternância de sentidos vai ocorrer em função de um processo de interincompreensão, que faz com que um enunciado, oriundo de uma dada FD, seja traduzido e compreendido no interior de outra FD através da construção de simulacros. É, então, a partir de uma “inusitada” expressão lingüística que organizo o corpus a ser analisado. Este se compõe de alguns textos que, há pouco tempo, circularam na sociedade, veiculados pela mídia on–line, tendo como tema a polêmica causada pela expressão “galinha cacarejadora”, usada por um Senador, em pleno debate político, para referir–se a uma Ministra. Esse corpus constitui–se em uma amostra das variadas manifestações lingüístico–discursivas – textos – que permeiam a realidade social, através das diversas mídias. Contudo, textos dessa natureza ainda são pouco explorados nas práticas escolares de leitura e, quando o são, não se costuma explorar a construção dos sentidos delineados em contextos sócio–histórico–ideológicos. Esse fator acarreta a defasagem leitora dos alunos, o que se contrapõe aos objetivos educacionais de “formar cidadãos críticos e participativos”, sendo que a participação social realiza–se principalmente na/pela linguagem. A AD formula uma teoria da leitura, do sentido e da interpretação, constituindo–se em uma importante ferramenta para o trabalho não só com a língua materna, mas nas mais variadas esferas interdisciplinares com vistas à formação de cidadãos críticos, cujo domínio da cultura escrita seja compatível com a realidade do mundo atual.

Palavras-chave:

prática escolar de leitura, Análise de Discurso, acontecimento discursivo polêmico.

1. Primeiras considerações

A prática da leitura, que, sem dúvida alguma, deveria ser uma das principais atividades a serem desenvolvidas nas salas de aula das escolas brasileiras, tem sido relegada a um plano posterior no rol de práticas cotidianas nas aulas de linguagens. Nos *rankings* mundiais de leitura, o Brasil vem ocupando os últimos lugares, fazendo com que a maioria de nossos alunos seja conhecida por sua deficiência leitora, sua pouca capacidade de ler e entender enunciados complexos, quando comparados a estudantes de outros países. Além disso, os professores brasileiros encontram grande dificuldade em desenvolver estratégias proficientes de leitura, o que pode estar implicado, entre outros, na falta de fundamentação teórico–metodológica consistente. De acordo com Orlandi (2006):

Quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada (p. 101).

A importância da leitura é declarada com afinco por grandes estudiosos dessa prática, e os próprios PCN declaram em seus textos que a produção de sentidos é o principal alvo a ser alcançado, quando se passa a considerar que "toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, precha de significados e significações que vão além do seu aspecto formal [...] a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido" (PCNEM, 2000: 5-6).

Assim, a produção de sentidos, como aspecto fundamental dos atos de linguagem, efetiva-se através da leitura, a viga-mestra na construção do grande edifício do saber. E, sem dúvida, estudos acadêmicos voltados às práticas discursivas muito têm a contribuir para o letramento dos alunos e cidadãos brasileiros, uma vez que, em uma perspectiva discursiva, não lemos textos como uma superfície linguística fechada em si mesma, não reconhecemos uma unidade de sentidos, mas, sim, uma dispersão de sentidos.

Tal constatação nos faz pensar o quanto perdemos, se deixamos de explorar um texto quanto à leitura, os sentidos, a significação, para trabalhar somente sua superfície linguística, especificamente seus aspectos puramente gramaticais. A leitura enquanto mera decodificação transmite uma visão reducionista do funcionamento da linguagem. Os sentidos, sendo constituídos sócio-historicamente, não estão presos somente à superfície linguística do texto. Como observa Foucault (1994: 8) "até 80% das informações que estão no texto não estão no texto".

De acordo com o exposto, nossa intenção neste artigo é focar a leitura enquanto prática e fonte de sentidos/significação na construção dos saberes. Para isso, utilizaremos alguns conceitos provenientes da Análise de Discurso de linha francesa (AD), uma disciplina do sentido, da leitura e da interpretação que tem como objeto o discurso, esse materializado nas mais diversas formas de linguagem. Em nossa análise procuramos constituir um *corpus* composto por alguns textos midiáticos, de gêneros variados, veiculados pela internet, cuja origem e dispersão deram-se por conta de um inusitado acontecimento discursivo. Segundo Orlandi (2000), diante de um texto, um analista:

o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura (p.63).

Desse modo, realizaremos nosso trabalho de leitura e interpretação do *corpus* partindo de uma perspectiva discursiva, considerando "o fato de que o que

caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis" (ORLANDI, 2006: 23), e o que os tornam possíveis é, antes de tudo, uma linguagem marcada não pela transparência ou precisão, mas pelo equívoco.

2. Breve discussão sobre alguns conceitos

Na obra *Gênese dos Discursos* (2005), o teórico francês Dominique Maingueneau faz uma ampla abordagem sobre a natureza constitutiva do discurso e mostra que os discursos (como unidades singulares, por assim dizer) subsistem em uma relação maior (de proporção universal), que a todos engloba, chamada de interdiscurso.

É, pois, na dinâmica incessante da interdiscursividade que as redes semânticas atuam sobre os espaços discursivos. Segundo o autor, "cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas, "positivos", reivindicados; de outro, os semas "negativos", rejeitados" (MAINGUENEAU, 2005: 103). De acordo com o teórico, na relação interdiscursiva, não ocorre um processo de simples compreensão ou incompreensão dos enunciados; mas sim, um processo de *interincompreensão* que se efetua através de tradução. Ou seja, uma posição discursiva, ao receber enunciados de uma outra posição, não os compreenderá da forma como eles "são na realidade", antes, por meio de um processo de tradução, criará um simulacro e, somente, a partir dele "compreenderá" o que é dito do outro lado.

É por meio desse processo de mútua tradução que os discursos preservam sua identidade, dado que os discursos estão cerceados por suas próprias regras, por seus respectivos lugares de dizer, por isso não podem "compreender" sentidos "negativos" que vão contra a sua própria constituição. Em lugar de uma compreensão real/positiva do enunciado Outro, uma posição discursiva criará simulacros dele, "para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo" (MAINGUENEAU, 2005: 103).

Por causa desse processo de interincompreensão, os sentidos, ao contrário do que se pode pensar, não são imanentes às palavras, mas vêm a ser positivos, negativos, polêmicos, ambíguos, etc. no interior das formações discursivas, nas quais são determinados, isto é, ganham "vida" e materializam-se nas atividades languageiras cotidianas. A "interincompreensão" significa mais do que uma simples troca entre discursos. Trata-se de um processo de interpretação recíproca, em que cada formação discursiva somente "compreenderá" o seu Outro de acordo com as suas próprias regras; essas traduzem os gestos de interpretação do Outro como sendo negativos, ameaçadores, incompatíveis com sua própria ideologia.

Assim, aos olhos do Outro, uma posição será incompreendida e, quanto maior a oposição, maior a não-aceitação recíproca e, conseqüentemente, mais delimitada será a identidade do discurso em relação à ameaça do opositor, pois entender positivamente um Outro seria confluir com ele e, assim, perder a almejada identidade.

3. O embate no cenário político e a prática de leitura

Em busca de melhor compreender como se realiza, por meio da dinâmica da interincompreensão, o processo de produção dos efeitos de sentido no interior das formações discursivas, e a conseqüente criação de simulacros de um discurso em relação a seu Outro, passarei a analisar, ainda que de forma breve, um polêmico episódio ocorrido há pouco tempo no cenário político nacional. Eis, abaixo, um resumo dos fatos.

No dia 02 de abril de 2008, em uma sessão no plenário do Senado, o senador Mão Santa - do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), pertencente à ala do partido que faz oposição ao atual governo -, em discurso no plenário do Senado Federal, referiu-se à ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), com o seguinte termo: "galinha cacarejadora". O polêmico acontecimento discursivo a que me proponho analisar foi "erigido" em torno dos "mal-entendidos" provocados por essa expressão.

O excerto que segue é o momento pivô do discurso do senador Mão Santa, em que ele lança o "pomo da discórdia" ao proferir o mencionado termo:

Só há uma culpada nisso tudinho: é a ministra Dilma. Se nós formos buscar na história de Hitler, eles dizem que Goebbels [um dos principais nomes do partido nazista alemão] orientava o partido dele até (sic) uma galinha cacarejadora para ficar gritando: as obras, as obras, as obras - antes de fazer e depois. Isso aí, esse negócio de apelido é outro. Ela [Dilma] pode ser muito bem a galinha cacarejadora desse governo. A história se repete. **[1]**

A polêmica repercussão desse discurso, como era de se esperar, gerou uma considerável dispersão de sentidos que se materializaram em forma de diversos textos, veiculados por diferentes meios de comunicação. Para a organização do *corpus* utilizado neste artigo, vali-me dos meios eletrônicos e, assim, pude reunir alguns dos textos que foram publicados logo após o episódio.

Apresento a seguir uma lista dos textos (em linguagem verbal, extraverbal e não-verbal) que reuni, os quais utilizarei ao longo deste trabalho, para trazer à tona o acontecimento discursivo ocorrido em abril de 2008, bem como a eventual heterogeneidade presente nesse episódio:

- "Senador do PMDB compara Dilma com "cacarejadora"; petista reclama de preconceito" (*Folha Online*, 02/04/2008). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u388397.shtml>> Acesso em: 08 de maio de 2008.

- "Parlamentares levam para o Senado galinha empanada em protesto contra Mão Santa" (*Folha Online*, 08/04/2008). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u388397.shtml>> Acesso em: 23 de junho de 2008.

- "Senadores repudiam tratamento de Mão Santa dado à ministra Dilma" (*Liderança do PT no Senado Federal*, 03/04/2008) Disponível em: <http://www.pt.org.br/portaltpt/index.php?option=com_content&task=view&id=11597&Itemid=195> Acesso em: 23 de junho de 2008.

- "Serys apresenta moção de desagravo à ministra Dilma Rousseff"

(*Liderança do PT no Senado Federal*,08/04/2008) Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/lidpt/noticia2.asp?data=08/04/2008&codigo=39543>>
Acesso em: 08/05/2008.

- "Ideli pode processar colega por 'galinha cacarejadora'" (*Congressoemfoco*, 23/06/2008) Disponível em: Acesso em: 23/06/2008.

- "As mulheres brasileiras não são nem 'galinhas' nem 'cacarejadoras'".

(Bancada Feminina do Congresso Nacional em protesto "à agressão" (sic) do senador Mão Santa,09/04/2008). Disponível em: <<http://www.aoss.org.br/forum/index.php?showtopic=20404>> Acesso em: 23/06/2008.

Vejamos também algumas charges[2] (nos arquivos anexos 1, 2 e 3) sobre o episódio:

O teor da charge é humorístico por excelência, mas, em meio ao riso, encontra-se uma forma de crítica social que perpassa a realidade de uma forma contundente. Segundo Possenti, "ainda que estejamos vendo os aspectos da linguagem, por meio do humor ou da piada, estamos estudando a construção da crítica social. [...] Então, numa sociedade que se quer crítica, não é possível desprezar esses efeitos de sentido do humor" (apud ROWE, 2008).

Todos os textos, em gêneros distintos, apresentados constituem-se em materiais linguístico-discursivos que nos possibilitam explorar, através da prática de leitura e significação, seus efeitos de sentido.

O discurso proferido pelo senador Mão Santa, em 02 de abril de 2008, foi de crítica às ações da ministra Dilma Rousseff que, segundo ele, alardeava insistentemente as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento, criado pelo governo federal) e não procurava esclarecer o vazamento de informações de um suposto dossiê, elaborado contra o ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (de partido opositor), cuja autoria foi atribuída à ministra da Casa Civil. Durante vários dias, "o vazamento do suposto dossiê" foi o tema de intensas discussões permeadas por fortes acusações entre oposição e governo. Foi em meio a essa grande querela partidária que surgiu o polêmico discurso do senador Mão Santa.

O pronuncionamento do parlamentar foi prontamente rebatido pela senadora Ideli Salvati, líder do partido governista no Senado, com as seguintes palavras:

Eu não vou admitir, como mulher, que no debate político trate-se qualquer mulher, por mais adversária, inimiga que seja, com esses termos aqui no plenário do Senado. Nós não estamos falando de nazista, se é o seu padrão. Nós estamos falando aqui de respeito mínimo entre homens e mulheres. Quer fazer o debate político, faça com classe e com dignidade e não utilizando baixaria[3].

A voz "enfurecida" da senadora Ideli Salvati foi a primeira a inaugurar uma sucessão de outros pronuncionamentos não menos indignados contra a expressão "galinha cacarejadora" dita pelo senador.

O que interessa observar, por meio da análise discursiva, é como foi possível que (efeitos de) sentidos (pretendidos ou não pelo senador Mão Santa) se originassem a partir da polêmica expressão "galinha cacarejadora".

O primeiro aspecto a ser verificado diz respeito ao espaço discursivo em que se deu o mencionado embate entre oposição e governo, a saber, a esfera política. Foi, portanto, em um cenário político de desarmonia, que duas posições discursivas antagônicas mantiveram uma relação conflituosa, de interincompreensão. Esse processo resultou, conforme a teoria elaborada por Maingueneau (2005), na construção de interessantes simulacros por ambos os posicionamentos envolvidos no episódio.

Já foi dito que uma posição discursiva é composta por regras que a possibilita ou não de dizer algo. Tanto a oposição quanto o governo constituem-se em posições de dizer que disputam o mesmo lugar, a saber, o controle governamental da nação. Por conta dessa disputa, cada um desses discursos, obviamente, procurará firmar-se e, ao mesmo tempo, buscará "desbançar" o seu Outro. Foi nesse contexto de luta e incompreensão que a "infeliz" expressão foi dita por uma das partes, provocando na outra uma grande injúria.

A noção discursiva de interincompreensão, usada nessa análise, pode ser claramente identificada no modo como a oposição, ao rejeitar os feitos governistas, traduz negativamente as obras do PAC. Assim, o discurso oposicionista é autorizado pelas regras que o constituem a compreender e traduzir as obras governamentais desse programa não como benéficas e importantes para o avanço sócio-econômico do Brasil; mas como exagero, engodo, maquiagem, pura estratégia de persuasão pública, "propagandismo" comparável ao realizado pelo nazismo.

O senador foi "buscar na história de Hitler" e do temível nazismo alemão uma espécie de metáfora para traduzir o que ele, na posição discursiva em que se encontra, considera do governo federal e de sua principal articuladora política. De acordo com sua fala, as ações do partido governista são comparáveis às ações do partido nazista, e a ministra Dilma Rousseff é a "galinha cacarejadora" do governo petista, tanto quanto o nazismo alemão tinha a sua "cacarejadora" "para ficar gritando: as obras, as obras, as obras - antes de fazer e depois".

Os efeitos do processo de interincompreensão no espaço discursivo ocorrem simultaneamente, pois os simulacros igualmente surgem de ambas as posições,

uma em relação à outra. Por isso, no discurso de oposição, o parlamentar afirma que a ministra "não é a mãe do PAC", mas sim "uma galinha cacarejadora do governo". Ou seja, diante da oposição, a verdadeira função da ministra não é a de mentora do famoso programa político do governo, mas a de "alardeadora" das obras desse programa "antes de fazer e depois". Ao fazer essa comparação, o senador referia-se à propaganda governamental como estratégia de persuasão da opinião pública.

Quanto ao posicionamento discursivo dos que estão ao lado do governo, não há "compreensão", muito menos aceitação da imagem, por assim dizer, que o senador faz da ministra. A posição discursiva governista, obviamente, é autorizada a compreender as ações de Dilma como extremamente benéficas e coerentes ao progresso da nação brasileira. Portanto, para essa posição discursiva, ela é, de fato, a "mãe do PAC", a bem-sucedida mentora do programa de desenvolvimento do governo. Para essa posição discursiva, só há um erro nesse caso: o senador da oposição, o parlamentar que "destratou" sua rival política com "termos pejorativos".

A expressão "galinha cacarejadora", que foi extremamente polêmica na esfera política, servindo de "torpedo" entre partes antagônicas, produziu uma variedade de (efeitos) de sentidos que se disseminaram, também, e mais drasticamente, na esfera das relações sociais - gênero. O debate político transformou-se em debate conflituoso entre outras duas posições discursivas: o discurso feminista *versus* o discurso machista. Foi nessa esfera que a grande polêmica em torno da "malfadada" expressão surgiu, acionada pelo processo de interincompreensão.

Apesar das tentativas do senador Mão Santa de esclarecer o sentido (político) pretendido, dizendo que o termo se aplicava àqueles que "alardeavam" os feitos do governo e que, provavelmente, eles "eram mais homens do que mulheres", não houve "compreensão" por parte da posição feminista. Ao tentar se justificar (desfazer o "mal-entendido") o político disse:

Não pretendi ser desrespeitoso. O que eu fiz foi uma análise política. O que querem é mudar o foco das discussões. Não tive a intenção de ofender quem quer que seja.[4]

Contudo, a expressão "galinha cacarejadora", que o senador assevera ser de cunho político, foi compreendida pelas parlamentares (eleitas, sobretudo, como representantes das mulheres brasileiras) como declarações "preconceituosas". A lista de textos apresentada acima traz em seus títulos algumas expressões usadas para traduzir o episódio, que gerou "protesto", "repúdio", "desagravo" e intenções de "processo".

Um dos *sites* citados nesse trabalho, o *Congressoemfoco*, declarou que a líder do partido governista, Ideli Salvati, ficou "enfurecida", "ofendida na condição de mulher" por causa do "pitoresco qualificativo" (é assim que a reportagem do *site* denomina a expressão) atribuído à ministra Dilma Rousseff. Foi no auge desse "enfurecimento" e com intenção de rebater ao "ataque" do senador, que Salvati proferiu o discurso em que dizia:

Eu não vou admitir, como mulher, que no debate político trate-se qualquer mulher, por mais adversária, inimiga que seja, com **esses termos** aqui no plenário do Senado [...] [5] [grifo nosso].

Nas palavras da senadora, o debate político deve ser feito "com **classe** e com **dignidade** e não utilizando **baixaria**". De acordo com a parlamentar, o episódio foi "lamentável", "inadmissível", "nível da baixaria", "da acusação inclusive preconceituosa". Note-se que ela, ao censurar o colega, evitou até mesmo pronunciar o "palavrão" "galinha", preferindo referi-lo com a expressão "nesses termos".

As senadoras da base governista (provavelmente) não se "enfureceram" com a expressão do parlamentar, na condição de políticas; mas sentiram-se ofendidas na condição de mulher. É, pois, nessa posição que os sentidos "primeiramente políticos" transformaram-se, ou melhor, deslizaram-se para sentidos que envolvem questões de gêneros. De acordo com Maingueneau (2005), a interincompreensão presente no espaço discursivo é o dispositivo que possibilita as diversas posições enunciativas. Por isso pode-se entender o porquê de uma expressão - usada para atacar o lado político do adversário - ter se "desviado da rota" e caído como "tiro de morteiro" em um campo não pretendido, mas que estava muito próximo do alvo.

A questão do deslize de sentidos de uma esfera à outra pode ser observada no trecho da "moção de desagravo à ministra-chefe da Casa Civil", apresentada pela senadora petista Serys Slhessarenko, poucos dias após o episódio:

A moção de desagravo à Ministra Dilma Rousseff destaca que as mulheres brasileiras ouviram, estarrecidas, uma expressão ofensiva dirigida por um senador da república. Ao usar a expressão "galinha cacarejadora", o senador Mão Santa afrontou a dignidade feminina o seu descrédito junto à sociedade brasileira. [...]

A ministra Dilma Rousseff foi atacada por sua competência e pelo seu empenho em defender o Plano de Aceleração do Crescimento, exigência de todos os brasileiros conscientes. Mas foi atacada **sobretudo** por ser mulher [6] [grifo nosso].

No evento em análise, a posição feminista só reagiu impetuosamente em resposta contra o Outro porque compreendeu/traduziu a dita expressão do senador como algo injurioso, preconceituoso, inadmissível, termo pejorativo ofensivo à dignidade feminina, uma "baixaria".

A expressão "galinha cacarejadora", quando considerada isoladamente, não poderia jamais ofender a dignidade de qualquer mulher, já que o seu sentido literal remete a uma ave comum (fasianídea, a fêmea do galo, domesticada visando à carne e os ovos [7]) em ação de cacarejar (produzir cacarejos, a voz da galinha).

Contudo ela não se tornou malfadada - ao ponto de "indignar" sobremaneira as mulheres e causar tamanho mal-estar entre os parlamentares - porque foi

enunciada por um homem (em posição de representante de muitos outros, homem público), para atacar as ações políticas de uma mulher adversária; mas o que causou a dita repugnança entre as mulheres - fazendo-as acionarem a memória discursiva feminista - foi especificamente o sentido não-literal da expressão, a saber, "galinha" = "mulher de baixa categoria", "desclassificada", "rampeira", "mulher da vida", "sexualmente disponível", entre outros.

Essa interpretação pejorativa para o termo "galinha" foi referida pela parlamentar Ideli Salvati ao dizer que:

Utilizar o termo galinha para se referir a qualquer mulher... todos sabem **o conteúdo pejorativo, discriminatório** que isso tem. Agora imagine colocar isso para uma pessoa que está exercendo um cargo de autoridade" [...] É algo que não se pode admitir[8] [grifo nosso].

Quanto ao senador Mão Santa, diante do "enfurecimento" das parlamentares, houve a tentativa de voltar ao sentido pretendido (o político) e não se deixar prejudicar pelo simulacro feito dele pela ala das mulheres:

"Eu tenho 65 anos, todo o Brasil me conhece. Jamais usei termos pejorativos [galinha] contra mulher", justificou o senador, dizendo que o termo foi usado como metáfora histórica para o contexto brasileiro, em que as obras do PAC, em sua opinião, são alardeadas pelo governo como faziam os membros do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (do tirano Hitler), que exaltavam recorrentemente as realizações do governo. **"Li alguns trechos [do livro supracitado] que têm muitas semelhanças. Primeiro, a cor vermelha. Foram eles lá [na Alemanha nazista] que escolheram, porque incita e tal"**, justificou, dizendo que era comum o governo nazista montar uma claque orientada para, quando fossem batidos metas, recordes e percentuais de aceitação, alardear as realizações governamentais. Mão Santa disse que o grupo de "aclamação" do governo foi batizado de "galinhas cacarejadoras". **"Está lá no livro, eu li o livro"**, argumentou. **"Era homem, acho que tinha muito mais homens. Nós que fazemos política não temos o cabo eleitoral, os militantes?"** [9] [grifo nosso].

4. Algumas considerações finais

Através da breve análise desse inusitado episódio, é possível perceber que a polêmica causada pela expressão "galinha cacarejadora" originou-se no confronto de posições discursivas opositoras: oposição *versus* governo, feminismo *versus* machismo, e o que determinou os efeitos de sentido que ela causou foi justamente

as regras de cada um dos discursos sobre os quais recaiu. Assim, uma mesma expressão linguística pôde ser "compreendida" de diferentes formas dentro das possibilidades de cada posição discursiva que interagiram nesse evento.

Esperamos com isso, contribuir para ampliar a concepção de leitura, ainda efetivada em grande escala, como mera decifração a compreensão dos mecanismos linguísticos. Intentamos mostrar, através dos enunciados apresentados, uma amostra do intrincado mundo da discursividade e da construção dos sentidos, na tentativa de contribuir para um ensino crítico, que deve transformar a sala de aula no microcosmo de um mundo cultural e social maior.

REFERÊNCIAS

aoss. Disponível em: <<http://www.aoss.org.br/>> Acesso em: 23/06/2008.

ASSESSORIA DE IMPRENSA. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/>> Acesso em: 08/05/2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000.

Congressoemfoco. Disponível em: <http://www.congressoemfoco.ig.com.br/> Acesso em: 23/06/2008.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.*]

JORNAL *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br%3e%20Acesso%20em:%2008/05/2008>>.

JORNAL *FolhaNews*. Disponível em: <<http://www.uai.com.br/>> Acesso em: 23/06/2008.

Liderança do PT no Senado Federal. Disponível em: <<http://www.pt.org.br>> Acesso em: 23 de junho de 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

ROWE, V. Humor no quadro-negro: Professores usam anedotas como objeto de análise em aulas de língua portuguesa. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, 2008. Disponível em: Acesso em: 20 set. 2008.

[1] O texto integral está disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u388397.shtml>> Acesso em: 08 de maio de 2008.

[2] Respectivamente disponíveis em: <<http://3.bp.blogspot.com/>>;
<<http://www.thepassiranews.blogspot.com.br/>>;
<<http://www.thepassiranews.blogspot.com.br/>> Acesso em 03/09/2008.

[3] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u388397.shtml>
Acesso em 08 de maio de 2008.

[4] Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u390202.shtml>> Acesso em: 23/06/2008.

[5] Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u388397.shtml>>
> Acesso em: 08 de maio de 2008.

[6] Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/lidpt/noticia2.asp?data=08/04/2008&codigo=39543>>
Acesso em: 08/05/2008.

[7] Esta é a definição literal dada pelo *Dicionário Aurélio*.

[8] Disponível em: <<http://congressoemfoco.ig.com.br>> Acesso em: 23/06/2008.

[9] Disponível em: <<http://congressoemfoco.ig.com.br>> Acesso em: 23/06/2008.

ANEXO 1



ANEXO 2



ANEXO 3

